

## Sempre obrigada a conviver com a ambigüidade

São 120 mil habitantes distribuídos entre o Cruzeiro Novo e o Velho, Área Octogonal e os setores de Indústria e Militar. Para os pioneiros, o Cruzeiro ainda é lembrado como o "Gavião". Seu maior problema, segundo aponta Ismael César, do Departamento Cultural da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro/Aruc, é o esquecimento por parte das autoridades de que o Cruzeiro não é uma cidade-satélite, mas integra o Plano Piloto. Esta situação acaba gerando casos absurdos. Ismael conta que quando a Fundação Cultural lançou uma coletânea de poemas de poetas do Plano Piloto, não incluiu os cruzeirenses porque na hora agô o Cruzeiro passou a ser satélite. Já este ano, quando a mesma Fundação editou o "Fala Satélite", mais uma vez os poetas do Cruzeiro ficaram de fora porque o "Gavião" não é uma cidade-satélite. Ele acha que esta falta de definição termina por marginalizar o bairro de muitas das atividades culturais organizadas pelos órgãos de cultura.

A situação dos espaços culturais no Cruzeiro não difere muito dos auditórios de escolas da Fundação Educacional do DF mas que, segundo Ismael, estão sem condições de uso. A acústica é péssima e falta iluminação. Cinema já existiu um, o Cine Cruzeiro. Como vem acontecendo, aliás por todo o Brasil, foi fechado e, em seu lugar, foi aberta uma boate.

Quem anda agitando a vida cultural no Cruzeiro é o Departamento Cultural da Associação Recreativa. A sede da Aruc vem sendo utilizada regularmente pela comunidade, mas o espaço mais ocupado pelos cruzeirenses, sobretudo os jovens, é mesmo a rua. Desde 1979, acontecem concertos ao ar livre, um Projeto que agora passou a ser denominado "Canta Gavião". Apesar das dificuldades (neste domingo, por exemplo, o evento vai acontecer sem a instalação de um palco), o "Canta Gavião" se realiza todo segundo domingo do mês, se revezando entre as ruas do Cruzeiro Velho e Cruzeiro Novo.

Grupos de teatro até que existem. O que não existe é local para se apresentarem. A consequência disso é que a própria comunidade fica impedida de conhecer o trabalho dos seus companheiros de bairro, que recorrem aos teatros do Plano Piloto. O Departamento Cultural da Aruc ainda promove, sempre que possível, ruas de arte, recitais de poesia e outras atividades no bairro. A Aruc tem uma reivindicação: a construção de um anfiteatro no Cruzeiro.

## BRAZILÂNDIA

### Desfiles ocupam sala comunitária

Fundada no começo do século pelos primeiros colonos que chegaram à região, Brasília, também transformou-se em cidade-satélite e hoje tem cerca de 30 mil habitantes. Espaços exclusivos para a cultura, não existe nenhum pra contar história. Os artistas costumam recorrer ao auditório do Centro de Ensino nº 1, mas, não é sempre que conseguem vaga para apresentar os espetáculos. O Salão Comunitário, mantido pela administração regional, é sempre utilizado para festas, desfiles e outras promoções do gênero.

Alvaro Moura, do grupo Arte Magi, reclama da falta de espaços culturais da cidade. Conta que os grupos de músicas de Brasília, ou os de teatro, nunca encontram lugar para os seus ensaios e quando tentam ocupar o Espaço Comunitário a resposta quase sempre é a mesma: já está comprometido com outras atividades.

Em Brasília, segundo Alvaro, há vários grupos de teatro, dança e música, além de artistas plásticos e poetas. Para este ano, as entidades culturais já estão programando festivais de música, seminários e oficinas para despertar a criatividade da comunidade. A rua e as praças são os espaços mais ocupados por estes grupos.

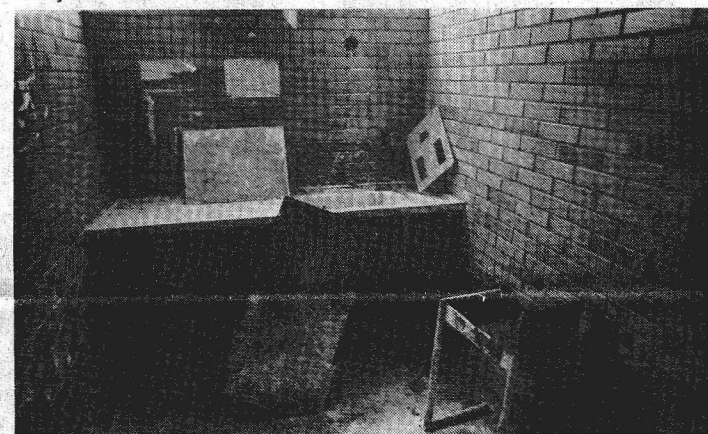
## Fechado o único cinema, dono só pensa no aluguel

O Guarã 1 foi criado em 1969, a princípio para alojar funcionários da Novacap e de outros órgãos do Distrito Federal. Passou a cidade-satélite em 1973. Atualmente, considerando-se também o Guarã II, a cidade conta com 150 mil habitantes e nenhum espaço decente para a promoção de atividades culturais. São dois auditórios pertencentes à Fundação Educacional, mas que não oferecem condições para uma boa utilização.

O auditório do CIE 1 (no Guarã I) precisa de reparos e equipamentos. O do Guarã II, o "Centrão", está em piores condições e a solução é a sua reconstrução. Nilson Araújo, do Grupo Comunitário do Guarã, conta que a Fundação Educacional argumenta que não tem recursos para recuperar estes espaços e menos ainda para mantê-los em funcionamento. Mesmo assim, sem outra opção, o Grupo usa com frequência o auditório do CIE 1.

Cinema já existiu um: o Cinema Karim, que está fechado há três anos. A sala que inicialmente comportava 1.200 pessoas, sofreu reformas e teve sua capacidade reduzida para 200 lugares. O espaço desativado é hoje loja comercial.

O Grupo Comunitário do Guarã já vem há algum tempo tentando um acordo com o proprietário da sala para utilizá-la com exibição de filmes culturais. O senhor Karim Nabut, segundo Nilson Araújo, só aceita ceder o cinema por um aluguel de Cz\$ 40 mil por mês. A entidade já recorreu à Fundação Cultural e Secretaria de Cultura em busca de uma solução para o problema.



Camarim do Teatro de Arena do Cave (Guará)

## TAGUATINGA

## Um teatro apenas para os 480 mil habitantes

Taguatinga, criada em 1958, foi considerada oficialmente cidade-satélite em 1967. Hoje, com cerca de 480 mil habitantes, só dispõe de um local apropriado para atividades culturais: Teatro da Praça. Nilson Rodrigues, presidente da Associação de Arte e Cultura, conta que o Teatro era o auditório da Escola Industrial de Taguatinga (EIT) que, na gestão do ex-baixador Waldimir Murinho na Secretaria de Educação e Cultura, foi reformado e "entregue à comunidade". Apesar disso, o local ficou fechado e somente em 1984, através de um convênio entre as Fundações Cultural e Educacional, o Teatro da Praça foi aberto definitivamente.

Desde que foi entregue de fato à comunidade, o Teatro da Praça, apesar de comportar apenas 210 pessoas, tem sido o espaço de reunião da comunidade. Por lá se apresentam grupos de teatro da própria cidade e de fora. Promove sessões regulares de cinema todos os domingos às 18h30, os jogos de cena e a Feita de Música.

Além do Teatro da Praça, segundo informa Nilson, a comunidade poderia dispor do auditório do Centro Educacional Ave Branca, reformado recentemente, não fosse a insuficiência de equipamentos de som e iluminação. A Associação está propondo que as duas fundações estabeleçam convênios para a melhor utilização deste espaço. Taguatinga tem, ainda, o Teatro do Sesi, desativado no tanto desde 1979. Os outros auditórios da Fundação Educacional são de difícil acesso.

mas até o momento nada ficou decidido.

Por incrível que pareça, o único auditório em condições de utilização é o da Administração Regional. Mas ele está fechado à comunidade. Segundo Nilson e Renato de Souza, também do Grupo Comunitário, o administrador coloca sempre empecilhos para ceder o espaço e já chegou a dizer que o auditório "era para ser utilizado para coisas sérias". Coisas sérias devem ser reuniões do PFL que, de acordo com os dois, ocorrem com frequência neste local. E só.

Nilson costuma dizer que espaço para suar no Guarã não falta. Mas para reflexão e criação, nem pensar. E no Guarã que está o Centro Administrativo Vivaldo e Esportivo (Cave), um complexo poliesportivo que inclui kartódromo, estádio de futebol, um ginásio de esportes, quadras polivalentes e um teatro de arena. Este último está entregue às moscas. A fiação elétrica foi roubada e a Administração ainda não se dispôs a recuperá-lo.

A sugestão da entidade é que o Cave se transforme em um ponto de encontro da comunidade e abra suas portas para a realização de shows de música, sessões de cinema, teatro etc.

O Grupo Comunitário do Guarã, criado há dois anos, é uma das entidades mais atuantes da cidade. Realiza trabalhos comunitários, oficinas de arte, promove a Semana da Cultura no Guarã e projeção de filmes culturais. Atualmente a entidade está tentando saber como a Administração aplicou os Cz\$ 50 mil que foram liberados pelo GDF para as atividades do 21 de abril.

Sem apoio dos comerciantes locais, esquecidos muitas vezes pelos administradores regionais e com a pálida presença dos órgãos responsáveis pela formulação da política cultural, só restou aos representantes da satélite a saída da união de forças. Agora, todas as semanas eles se reúnem na sede do Sindicato dos Bancários para discutir os problemas e debater soluções. Costuradas as principais reivindicações, as propostas estão sendo encaminhadas à Fundação Cultural do DF. As conquistas ainda são lentas, mas todos reconhecem que o primeiro passo já foi dado: a abertura do diálogo entre autoridades de cultura e a comunidade. Muita coisa, no entanto, ainda tem que ser feita, mas os entulhos já começam a ser retirados

Um perfil, mesmo que ligeiro, das condições para a produção cultural nas cidades-satélites permite de imediato uma triste constatação: em nenhuma delas existem espaços adequados ou suficientes para se realizar qualquer atividade neste setor. As coisas por lá

acontecem sistematicamente da forma a mais improvável possível, sem o apoio do comércio local e das administrações regionais (pelo menos na maiorias casos) e com a presença, ainda tinda, dos órgãos responsáveis pela cultura.

Jarciso Quaresma (Gama), Ismael

César (Cruzeiro), Renato de Souza (Guará), Nilson Araújo (Guará), Adalto Francisco (Ceilândia), Nilson Rodrigues (Taguatinga), Denis Delvinei (Ceilândia), Alvaro Moura (Brasília), Leovani Gregório (Taguatinga), Ivan Luiz (Sobradinho) e Terezinha Pantoja (Núcleo Bandeirante) estão dispostos a alterar radicalmente esta situação. O primeiro passo já foi dado: semanalmente, eles e outros representantes das satélites se reúnem no Sindicato dos Bancários para discutir os seus problemas e as propostas são encaminhadas à Fundação Cultural do DF onde, todas as terças-feiras, eles têm um encontro com o responsável pela Assessoria Comunitária, Néio Lúcio.

Mudanças, eles reconhecem pelo menos uma: a abertura do diálogo, sobretudo por parte da Fundação Cultural. Elogiam o trabalho da Assessoria Comuni-

tária mas ainda reclamam uma participação mais efetiva das entidades culturais nas decisões e definições dos programas e projetos. Mas se por um lado a abertura é evidente, por outro ainda prevalece, dentro dos órgãos de cultura, uma atuação dirigida com mais ênfase para o Plano Piloto. "Da população de Brasília, 80 por cento moram nas cidades-satélites e praticamente 100 por cento das verbas da Fundação Cultural, além dos espaços, local no Plan Piloto" — denunciam.

Todos eles fazem questão de deixar claro que cada uma das satélites guarda a sua especificidade. O que é bom para Taguatinga não deve ser, necessariamente, bom para Ceilândia. Mas pelo menos uma coisa é imprescindível para todas elas: a construção de espaços exclusivos para as atividades culturais.

Não estamos defendendo o paternalismo estatal — avisam. Na opinião do grupo, a função do Estado não é produzir mas oferecer condições para que as coisas aconteçam. Dizem, ainda, que o que vem ocorrendo com frequência é que o Estado cria os seus pacotes culturais e os envia às satélites, esquecendo, na maioria das vezes, que elas ser sequer têm condições de receber o que lhes mandam.

Apesar de termos um Presidente poeta e um Governador afinado com as artes, os representantes das satélites acham que o Governo ainda não considera prioritária a área cultural. No caso específico do Governo do Distrito Federal, eles falam que o reflexo disso está no próprio orçamento da Fundação Cultural. Este ano, para a manutenção da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília a FCDP recebeu Cz\$ 4,9 milhões. Para as promoções culturais, Cz\$

4 milhões, contra Cz\$ 12,7 milhões que estão reservados para a execução das atividades de administração do sistema cultural. E por aí vai...

A recente criação da Secretaria de Cultura, na opinião de todos eles, ainda não contribuiu para reverter este quadro. Eles pretendem se reunir com a secretária Vera Pinheiro para discutir a presença deste órgão nas satélites e propor, inclusive, que o Conselho Deliberativo da Secretaria abra espaço para os representantes da periferia. Esta mesma ideia levarão também à Fundação Cultural do Distrito Federal.

Além disso, o grupo acha essencial que se estabeleça, no orçamento da Fundação uma rubrica específica para as satélites. Defendem a mesma medida nas administrações regionais. Segundo eles, não foram criadas nessas administrações assessorias que cuidem especificamente das questões culturais e o diálogo quase sempre é atropelado pela intransigência e despreparo das pessoas que respondem pela área.

O grupo informa que está sendo estudado pelo GDF a instalação de divisões culturais, ligadas à Secretaria de Cultura, nas cidades-satélites. A proposta está sendo questionada pelos representantes das entidades culturais das satélites, que estão temerosos de que a medida se limite à criação de mais uma instância do Governo que não responda aos anseios da comunidade. Já a proposta de criação de um Centro de Ação Cultural das Satélites eles estão dispostos a discutir, desde que a comunidade tenha presença garantida dentro da entidade.

A palavra de ordem é uma só: descentralização cultural. Abaixo, o CORREIO publica, segundo relato de cada um dos representantes das satélites, a situação dos espaços culturais em cada uma delas.

GIOCONDA CAPUTO  
Da Editoria de Cultura

## Uma pequena sala: nasce uma experiência original

É no Núcleo Bandeirante, a cidade livre que surgiu em 1956 para alojar os trabalhadores da construção de Brasília que um grupo de artistas está vivendo uma experiência original na área cultural. Independente dos órgãos oficiais, o grupo conseguiu uma pequena sala comercial que se transformou, recentemente, no Instituto Arte e Cultura Cidade Livre.

Tudo surgiu de um movimento organizado em 1982 que reuniu artistas plásticos, atores, diretores de teatro, músicos, poetas e outras categorias. Desta reunião surgiu a Oficina Livre de Arte, que na administração passada conseguiu um considerável apoio do administrador regional. A Oficina, segundo relata Terezinha Pantoja, funcionou como um espaço livre onde as pessoas iam produzir, discutir, realizar cursos, etc.

Foi o movimento em torno desta Oficina que gerou o Instituto e permitiu o fortalecimento do movimento cultural no Núcleo Bandeirante. Hoje a entidade está organizada em departamentos, cada um deles representando os vários setores artísticos.

Apesar das dificuldades, o Instituto vem realizando atividades interessantes. Há pouco tempo lançou o projeto documentação, que culminou com uma gincana de artes que resgatou, através da pintura, todo o cenário

arquitetônico da antiga cidade livre. Além disso, na área da literatura a entidade promoveu o Projeto Núcleo Bandeirante em Prosa e Verso, com o intuito de resgatar a história da cidade.

Terezinha Pantoja, diretora-presidente do Instituto, faz questão de esclarecer que a sede da entidade foi cedida por uma pessoa da própria comunidade e os recursos financeiros que a mantêm são conseguidos junto à iniciativa privada. "A administração regional ainda não se sensibilizou com o problema da falta de espaços culturais na cidade" — diz ela.

Pantoja conta, ainda, que a Fundação Cultural já foi apresentada a proposta de um convênio com a Administração regional para se instalar ali um espaço apropriado para o movimento cultural. A resposta ainda não chegou. Enquanto isso, os artistas locais improvisam apresentações em escolas e, principalmente, nas ruas.

Cinema, a população do Núcleo Bandeirante não dispõe de nenhum. Terezinha conta que o Instituto está tentando criar o seu cineclube, mas está com dificuldades para obter os equipamentos necessários. Equipamentos, aliás, que a própria administração regional tem, mas alega com frequência que eles estão quebrados.



## CEILÂNDIA

## São cinco os auditórios e nenhum deles funciona

Aclamada como a "menina dos olhos" de diversas autoridades, o núcleo urbano de Ceilândia formou-se em 1971 mas só quatro anos mais tarde, em 1975, transformou-se em cidade-satélite. Com cerca de 500 mil habitantes, a maioria jovens com menos de 20 anos, Ceilândia, segundo Denis Delvinei, diretor-regional da Fedatid, é totalmente desprovida de espaços culturais. Os cinco auditórios da Fundação Educacional, alguns até com recursos, se mantêm fechados à comunidade.

Há pouco tempo atrás, algumas entidades que atuam na área cultural em Ceilândia chegaram a propor a criação de um Centro Popular de Cultura. Mas os planos não permitiram. Cultura, ainda mais a popular, era logo identificada com a subversão, o comunismo ou coisa parecida. A resposta foi não. Criou-se um Centro, só que de Educação para o Trabalho.

O Centro de Educação para o Trabalho — CEIT — de acordo com Delvinei tem um auditório bem equipado com mesa de som profissional, um parque de iluminação e gravadores cassete e de rolo. Mantém um teatro de pequenas dimensões, mas o local deve ser utilizado exclusivamente para atividades educacionais.

A Ceilândia também tem o seu Salão Comunitário (de múltiplas funções), que entretanto nunca foi usado para atividades culturais. A administração prefere promover ali os "Sons Mágicos", uma espécie de dançeteria que anima os sábados e

domingos dos cellandenses. O diretor-regional da Fedatid acha que o espaço está sendo mal utilizado. E mais: hoje o seu administrador monopoliza toda a aparelhagem de som existente na cidade e cobra de acordo com Delvinei — preços absurdos para que seja utilizada em outra atividade.

Agora, o Centro de Cultura da Cidade, junto com outras entidades culturais, luta pela construção de um grande espaço para a cultura na Ceilândia. O projeto, elaborado por arquitetos da administração regional, está orçado em Cz\$ 42 milhões e prevê a instalação de dois teatros, uma biblioteca, quatro ateliês, um ginásio de esporte e quadras polivalentes.

Adalto Francisco, do Centro de Cultura da Ceilândia, está empolgado com a realização deste projeto e conta, até com alguma ironia, que o GDF até já liberou Cz\$ 2 milhões para o início da construção da biblioteca.

Cinemas a Ceilândia tem dois: O Regente e o Itamarati. A programação, aquela que o gente já conhece: pornografia. Alguns espaços que anteriormente eram utilizados para a cultura foram fechados. E o caso do Príncipe de um palco com um palanque improvisado onde se faziam apresentações, que foi transformado em supermercado.

Tanto Delvinei quanto Adalto acha que se a cidade tivesse um local apropriado onde pudesse reunir os jovens em torno de atividades artísticas, a criminalidade na Ceilândia se reduziria sensivelmente.

## Reunião de mães roubou os espaços

Sobradinho, a nossa cidade serrana, surgiu em 1960 e foi promovida à condição de cidade-satélite em 1967. Com cerca de 90 mil habitantes, Sobradinho também não dispõe de espaços exclusivos para as atividades culturais. A população só conta com os auditórios das escolas da Fundação Educacional (mas que não são cedidos com muita facilidade) e o Galpão João de Barro, da Administração regional. Ivan Luiz, do grupo de Teatro Função, reclama a falta de apoio do comércio local e da administração ao movimento cultural de Sobradinho. Fala que o Galpão João de Barro privilegia outros eventos que não os culturais (como reuniões de mães etc.) e os artistas sempre são preteridos. Ele acha interessante o estabelecimento de um convênio com a Fundação Cultural e Educacional no sentido de se criar um espaço que pudesse ser transformado em um teatro. Grupos de teatro em Sobradinho ele cita três: Função, Semente Humana e Arte em Cena e Ação.

O Cine Alvorada, o único da cidade, só programa filmes de sexo explícito. O cineclube de Sobradinho, por falta de apoio, foi desativado.

## GAMA

## Até verba do Inacen sumiu na Fundação

O Gama surgiu em 1960, mas passou à categoria de satélite somente em 1967. Com cerca de 200 mil habitantes, a cidade também não dispõe de nenhum espaço exclusivo para as promoções culturais. Precariamente, os artistas da cidade utilizam, sempre que possível, os auditórios da Fundação Educacional do Distrito Federal.

Na realidade, são três auditórios. O Centro Educacional nº 1, transformou-se há cerca de seis meses, em Teatro do Gama. Narciso Quaresma, do Movimento de Arte e Cultura do Gama, reclama que o Inacen repassou uma verba para a Fundação reformar o teatro e até agora isso não ocorreu. O do Centro Educacional nº 2 está em péssimas condições, com cadeiras quebradas, sem palco etc. Da mesma forma está o do Centro Educacional nº 3.

Atualmente, as pessoas que atuam na área cultural do Gama têm uma preocupação: o salão de Múltiplas Funções que, em fase final de construção, não tem palco nem tampouco camarins. Narciso está prevendo que o espaço vai passar a ser ocupado apenas para dançetas, o que ele não aceita. A secretária de Cultura, Vera Pinheiro, a entidade já entregou um projeto de utilização do galpão que está sendo construído ao lado do teatro. O Movimento quer indicar o representante para a administração deste espaço, mas até agora não obteve resposta para essa reivindicação.

Os cines Itapó e Amazonas também são especializados em pornografia. Mas este mês, a comunidade conseguiu um pequeno avanço. O Cineclube Porto Aberto conseguiu do administrador do Itapó que durante três meses o horário das 18h seja programado por ele. Esta semana, por exemplo, estão sendo mostrados "Memórias do Cárcere", de Nelson Pereira dos Santos.

Apesar de todas as dificuldades, ninguém desiste. O Movimento de Arte e Cultura do Gama, junto com outras entidades culturais da cidade, realiza tradicionais reuniões artísticas de música popular, exposições de artes plásticas, literatura etc. O Sesi é hoje o único oratório que tem colaborado com a cultura local com uma certa regularidade, diz Narciso. O Movimento está em conversação com o CDS, LBA, Fundação Cultural, Fundação Educacional e o próprio Estado a respeito de um trabalho comunitário de grande alcance. O comércio local permanece alheio a tudo. Insiste em não apoiar.